

OS BAIXOS SALÁRIOS COMO CAUSA DE DESEMPREGO

EDSON ARRUDA *

Até 1994, o principal problema da economia brasileira era a inflação; o segundo eram as dívidas externa e interna; o terceiro eram os desequilíbrios interregional, intersetorial e interpessoal de renda; e o quarto problema da economia brasileira era o desemprego de fatores de produção.

De 1994 para cá, a inflação brasileira deixou de ser um problema econômico e o desemprego passou a ser o maior e mais importante problema de nossa economia, pulando de quarto para primeiro, desbancando a dívida externa, que subiu de 140 bilhões de dólares (20% do PIB de então) para mais de 350 (cerca de 36% do PIB atual) neste período, e para a dívida interna (pública), que saiu da faixa histórica de 60 a 80 bilhões para quase 500 bilhões.

O desemprego de fatores de produção costuma ser confundido com o desemprego de mão-de-obra, que é apenas um dos fatores. Há desemprego de máquinas, veículos, equipamentos; há desemprego de prédios, pontos comerciais, galpões fabris, salas; há desemprego de capacidade instalada de transporte, de energia elétrica; há desemprego de dinheiro e há, principalmente, desemprego de mão-de-obra. É deste desemprego que pretendo tratar neste artigo, por ser o mais importante e o único que se manifesta publicamente. Nunca vi passeata de máquinas desempregadas nem de pontos comerciais fechados ou de dinheiro não utilizado.

Toda organização que existe no mundo tem como finalidade produzir algum bem ou serviço que atenda a alguma necessidade humana, direta ou indiretamente, e faz isso utilizando-se, entre outras coisas, de mão-de-obra. Não existe no mundo uma única organização, formal ou informal, pública ou privada, com ou sem finalidade lucrativa, pequena média ou grande, que funcione sem recursos humanos. Elas respondem pela oferta de emprego da economia.

Todas as pessoas que precisam de auferir renda através da venda de seu trabalho

formam a demanda por emprego. Essa demanda e a oferta se encontram no mercado de trabalho e só existe desemprego porque a demanda por emprego é maior do que a oferta. Tanto a demanda como a oferta variam ao sabor de algumas variáveis, como veremos a seguir.

Como o desemprego não é constante, conclui-se que existem forças provocando seu deslocamento para cima ou para baixo. A análise dessas forças, ou seja, as causas da variação nos níveis de emprego ou desemprego têm sido objeto de estudos por parte de muitos economistas.

Sabe-se, sobejamente, que altas taxas de juros inviabilizam muitos investimentos, provocando desemprego; a existência de déficit público, exigindo ajustes fiscais recessivos, alimentam o desemprego; políticas cambiais equivocadas, por exemplo, privilegiando importações, aumentam o desemprego; o avanço tecnológico, provocando a automação, o *self-service*, e o *e-commerce* são, sabidamente, desempregadores; a CLT, com sua rigidez, seus pesados encargos sociais e seu anacronismo, fortalece o desemprego; a baixa qualificação profissional e educacional também contribui com o desemprego. Há diversos outros fatores que agravam o desemprego, como o que tomei como título desse artigo - os baixos salários.

Gostaria de convidar o leitor a acompanhar o seguinte raciocínio: as pessoas são assalariadas porque não podem ser patrões; para ser empresário é necessário algum capital inicial; se os salários fossem maiores, uma grande quantidade de pessoas conseguiria poupar e, assim, formar um capital inicial para, muito mais rapidamente realizar o sonho, presente em todo assalariado, de montar seu próprio negócio; cada empregado que conseguir montar seu próprio negócio provocará três consequências sobre o desemprego: a primeira, será a desocupação de seu posto, criando uma vaga; a segunda, será a abertura de vagas nos novos negócios abertos pelos ex-assalariados; e a terceira, seria o desencadea-

mento de um processo amplificador de emprego causado pelos gastos dos ex-desempregados que acabam de ser admitidos ou nas vagas deixadas pelos neoempresários ou nas vagas abertas por estes. Esses ex-excluídos da demanda, por falta de emprego/renda, passarão a gastar no varejo, que comprará mais nos atacadistas, que crescerão e comprarão mais dos fabricantes, que ampliarão sua produção e sua capacidade, contratando mais mão-de-obra e assim por diante.

Ao contrário, com os baixíssimos salários praticados no Brasil, os trabalhadores apenas sobrevivem, pois o que ganham não é suficiente sequer para atender a suas necessidades. Vão escapando, postergando consumo e, até mesmo despoupando macroeconomicamente e não conseguindo nunca reunir algum capital capaz de financiar um negócio próprio. Dessa forma ele nunca vai desocupar sua vaga e menos ainda criar vagas em novos negócios, agravando sobremaneira o desemprego. São os baixos salários provocando e agravando o desemprego.

Os políticos, que são os homens públicos do executivo, do legislativo e do judiciário nos três níveis, municipal, estadual e federal, sabem muito bem disso e dedicam seus mais poderosos esforços para manter essa situação, pois são os grandes beneficiários dela. Mantendo os salários a níveis indigentes e um enorme contingente de desempregados e subempregados, eles garantem o caldo de cultura para a proliferação da pobreza, da miséria, da promiscuidade, do desespero e da mendicância. O voto do mendigo é muito mais barato. Os gabinetes de todos os políticos vivem cheios de mendigos pedindo de tudo e, em troca, hipotecando seu voto, anulando sua dignidade e vendendo sua alma ●

*EDSON ARRUDA é professor do Curso de Economia/UFPI, Consultor de Empresas, Mestre em Economia Empresarial pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.